

MÚSICA, RELIGIÃO E CULTURAS JUVENIS: O HIP HOP GOSPEL EM FEIRA DE SANTANA

Ivan Faria¹
Renata Carvalho da Silva²
Iane de Jesus Carneiro³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir as relações estabelecidas entre as culturas juvenis evangélicas e o universo do hip hop, na cidade de Feira de Santana, Bahia. O trabalho se fundamenta nas teorias contemporâneas sobre música e culturas juvenis e nos estudos sobre as mudanças do campo religioso brasileiro. Os dados empíricos foram produzidos por meio de pesquisa sobre a música gospel da cidade em sites, blogs e redes sociais, seguida de entrevistas e análise das músicas do grupo Unidade de Guerrilha. Os achados apontam para o papel significativo que as novas iniciativas musicais juvenis desempenham para a renovação estética e comportamental das igrejas protestantes, ao mesmo, que contribuem para a manutenção de valores tradicionais.

Palavras-chave: música gospel, hip hop, culturas juvenis, protestantismo.

Introdução

No campo dos estudos sobre juventude há um relativo consenso de que tentar homogeneizar tal categoria pode justamente esvaziá-la de sentido já que a condição juvenil é extremamente plural a depender da conjugação de variáveis como classe social, raça, gênero, escolaridade, participação política e religião (ABRAMO; BRANCO; 2005, NOVAES, 2006)

A partir das décadas de 1950 e 1960 as representações predominantes sobre a juventude passam a se apoiar em noções como a rebeldia, a irreverência e a transgressão, fruto de mudanças políticas, culturais e sociais que alçaram os jovens à condição de principais motores de desestabilização da ordem instituída. A música tem

¹ Professor assistente (UEFS). E-mail: ivanxfaria@gmail.com

² Ex-bolsista de iniciação científica (CNPq/UEFS). E-mail: renata.uefs@yahoo.com.br

³ Ex-bolsista de iniciação científica (PIBIC/UEFS). E-mail: ianejcarneiro@yahoo.com.br



um papel importantíssimo como elemento de transformação de códigos comportamentais.

No que se refere ao campo religioso, as mudanças também são significativas. Há algumas décadas atrás a imagem mais comum do “crente” era marcada pelo rigor, sectarismo, austeridade e tradicionalismo nos seus rituais e comportamentos sociais. Hoje, é comum encontrar entre os evangélicos, formas de expressão fortemente hibridizadas com signos mundanos da cultura global. Muitas transformações têm sido provocadas especialmente pelos fiéis mais jovens, que através da arte tem “balanceado” a estética e as formas de vivenciar a religião.

No campo da música, especificamente, há uma proliferação de cantores(as) e grupos apoiados pelo crescimento da indústria musical gospel (MAGNANI, 2005, VICENTE, 2008), que consolida um mercado voltado para o público evangélico, ao mesmo tempo que produz um processo de hibridização entre estilos musicais mundanos e religiosos, alcançando novas audiências.

Se há alguns anos atrás a *Line Records*, empresa da Igreja *Universal do Reino de Deus*, era a grande produtora do setor, hoje a *Som Livre*, ligada à Rede Globo, se coloca na linha de frente fazendo da produção gospel sua maior aposta para um mercado que não para de crescer (VICENTE, 2008).

Tais mudanças não se dão apenas no cenário musical. Pierucci (2008) mostra que o catolicismo como instituição religiosa vem decrescendo em número de fiéis, enquanto crescem as conversões a religiões protestantes, em especial, a instituições neopentecostais ou independentes.

Há algumas décadas a indústria da moda e do entretenimento encontrou na juventude um de seus principais alvos, dado o seu alto grau de consumo e de capacidade de criação e renovação estética. Hoje, os jovens evangélicos também são vistos como um segmento importante não apenas do ponto de vista do consumo, mas também como instrumentos importantes das novas formas de proselitismo, por meio de suas iniciativas culturais.

Existem instituições religiosas que são conduzidas e guiadas quase exclusivamente por jovens como a *Bola de Neve Church*, voltada para praticantes do surfe e outros de esportes radicais. Nessa igreja os cultos são dançantes e embalados quase sempre pelo *reggae* e pelo *rock*.

No processo de ressignificação e reapropriação dos signos mundanos é possível encontrar formas de expressão musical diversas e inusitadas como o *funk gospel* da

Tribo do Funk, o frenético *emocore* do grupo *Adorelle* e o *reggae gospel* de *Salomão do Reggae*. Uma das canções do cantor e compositor regueiro, intitulada “Crente é crente”, mostra bem a reconfiguração de fronteiras entre o sagrado e o profano nas culturas juvenis evangélicas:

Eu sou juventude, minha atitude não para de mudar
Rock, reggae, funk, eletrônica eu quero é zuar
Dread, piercing e tatuagem eu quero te marcar
Hoje meu cabelo é vermelho, amanhã sei lá
Chiclete, tutti-frutti, coca-cola, iogurte eu quero é gastar

Nesse cenário de renovação da cultura evangélica brasileira, um estilo musical parece igualmente inesperado, na sua forma *gospel*, o *hip hop*.

Nascido como uma forma de arte essencialmente periférica nos guetos jamaicanos de Nova Iorque, o *rap* brotou do trabalho dos *djs* e seus *sound systems*, que por meio da ação dos *MCs* improvisavam versos com temáticas de denúncias e crônicas sobre o cotidiano de violência, racismo e marginalização.

Gradativamente o *rap* foi se amalgamando a outros signos como a dança de rua (*break-dance*) e o grafite para constituir uma cultura própria ou mesmo um “movimento”, quando organizado sob forma de coletivos que não apenas produzem e consomem música, mas também desenvolvem ações políticas sob forma de projetos sociais, muitas vezes focando em atividades de arte-educação.

Nesse sentido, Miranda (2006) faz uma distinção entre o que ele chama de movimento *hip hop* – com articulações políticas explícitas – e a cultura *hip hop*. Esta teria se autonomizado em relação a suas filiações étnicas e sociais originais para se constituir enquanto uma forma cultural mais ampla. Muitos artistas do *rap* passaram a integrar a indústria cultural mundial, fazendo parte de grandes gravadoras, tornando-se muito bem remunerados, mudando ou ampliando suas temáticas para além das questões sociais. Essa “liberação” em relação às suas origens possibilitou que subgêneros tão diversos pudessem emergir como o *gangsta rap* – marcado pelas temáticas sexistas e de culto à violência – e o *rap gospel*, com sua proposta evangelizadora.

Este trabalho busca investigar fenômenos que se dão no encontro entre as mudanças no campo religioso contemporâneo e a hibridização da música no cenário *gospel*. Para isso discute como se dá o diálogo entre as formas de expressão do *hip hop* e as referências religiosas entre jovens de Feira de Santana, Bahia, analisando os principais signos estéticos e culturais de identificação presentes nas músicas do *hip hop gospel* e, em especial, de um grupo, o *Unidade de Guerrilha*.

Para construir o campo de pesquisa foi feito um levantamento inicial tanto do universo *hip hop* mais amplo, quanto do cenário musical *gospel* de Feira de Santana. Primeiramente foram acessados dados produzidos por um estudo sobre o universo de sociabilidade, produção e consumo cultural entre jovens estudantes do ensino médio na cidade (IRIART; LARANJEIRA; FARIA, 2011). Depois foi realizada uma busca por meio de visitas a sites e blogs de grupos musicais de Feira de Santana para traçar um breve painel do cenário *gospel* da cidade. Por fim, a pesquisa se centrou no universo do grupo *Unidade de Guerrilha*, por meio da análise de videocliques, letras de músicas e de uma entrevista com sua liderança.

Transformações no campo religioso e a música

Nos últimos anos o Brasil vem passando por uma reconfiguração do seu campo religioso; ao mesmo tempo em que diminui o tamanho da população católica, cresce o número de evangélicos – em especial de neopentecostais e de indivíduos que se declaram sem religião – ou que aderem instituições alternativas (NERI; MELO, 2011).

Dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares 2009 (POF/IBGE) analisados por Neri e Melo (2011) mostram também que quanto maior o nível de escolaridade das pessoas, maior a adesão a religiões não hegemônicas como as de matriz afro ou oriental, espiritualista e protestantes não-pentecostais. Além disso, a forte queda do catolicismo se deu em especial entre jovens e mulheres, uma vez que alguns temas centrais para estes grupos, como contracepção, divórcio, liberdade sexual e aborto ainda são tabus para a Igreja Católica.

Apesar destas mudanças, para quase 90% da população brasileira a religião ainda é considerada algo importante para sua vida (NERI; MELO, 2011). Tal avaliação parece confrontar a tese da sacralização progressiva e irreversível das sociedades, defendida pelos primeiros sociólogos (Durkheim, Weber, Marx), e apontam para uma reconfiguração e um ressurgimento religioso baseado em princípios bastante contemporâneos como o pluralismo, a preeminência do emocional e a desconfiança da razão (ZEPEDA, 2009).

O crescimento das igrejas protestantes tem encontrado força tanto formas tradicionais de abordagem quanto naquelas mais contemporâneas apoiadas nos diferentes tipos de mídias televisivas, radiofônicas e do ciberespaço (sites, blogs, redes sociais), construindo novas formas de promoção do proselitismo. Isso se dá em parte,

porque enquanto as religiões tradicionais de crescimento vegetativo lutam para manter seus fiéis, as novas instituições precisam conquistar seguidores pela conversão (PRANDI, 2008).

Para isso, as igrejas evangélicas de construção mais recente tem conseguido negociar temas aparentemente impossíveis há tempos atrás, como a descriminalização do aborto (na Igreja Universal do Reino de Deus). Elas também estão se “especializando” em públicos específicos, como a Bola de Neve Churh, ou criando cultos específicos para namorados, empresários, endividados.

No caso específico da Bahia, os dados do POF (apud NERI; MELO, 2011) mostram que o estado é apenas o 24º em número de protestantes neopentecostais no país, com 8,44% da sua população, e o 13º em outras denominações evangélicas, com 7,56% de fiéis. No entanto, alguns dados empíricos produzidos em escolas públicas de Feira de Santana (IRIART; LARANJEIRA; FARIA, 2011) mostram que em algumas turmas do ensino médio são encontrados até 40% de evangélicos.

Ao analisar a constituição do campo religioso em Feira de Santana nas últimas décadas, Silva (2009) identifica uma relação entre a formação da cidade – em grande parte movida por fluxos migratórios – e a diversificação do espectro de filiações religiosas. O catolicismo que foi um elemento decisivo para a construção do processo civilizatório brasileiro, em Feira de Santana, conviveu com a presença de cultos de origem africana, com o espiritismo kardecista e as religiões protestantes, estabelecidos na região desde a década de 1930.

No entanto, o acelerado crescimento econômico da cidade a partir da década de 1970, favoreceu a chegada de novos moradores, mas também produziu também grandes espaços de exclusão e de baixa coesão social, que são considerados por Silva (2009), fatores de facilitação de adesão da população migrante às igrejas evangélicas. Outro elemento apontado pela autora, para tal avanço, seria a instalação do Seminário Teológico Batista do Nordeste, na mesma década, tornando a cidade um importante núcleo formador de pastores e educadores religiosos.

A juventude e a renovação do campo religioso

Os estudos sobre juventude e religião no Brasil, ainda são relativamente escassos se comparados a outros recortes como classe ou raça. Os trabalhos de Novaes (2005; 2004) são referência na área, como demarcadores da relevância de se estudar a

religiosidade juvenil para se conhecer seus valores e condutas. Tavares e Camurça (2005) realizaram um importante trabalho de revisão bibliográfica sobre o tema apontando a diversidade de formas de se vivenciar a religião entre os jovens.

Neri e Melo (2011) pontuam que o crescimento da população evangélica se dá forma desigual em diferentes regiões e faixas etárias. No que se refere à população mais jovem, a ela é atribuído um papel fundamental para o crescimento e a renovação dos cultos religiosos (JUNGBLUT, 2007).

A igreja propiciaria além da formação religiosa dos jovens, a socialização destes por meio do lazer, das reuniões em grupos ou participação em atividades artísticas, ocupando uma posição privilegiada no entretenimento de muitos jovens.

A desinterdição do protestantismo em relação áreas da mundanidade tem favorecido o crescimento de um circuito de lazer ligado ao universo evangélico. Em Feira de Santana, o cenário cultural gospel é pulsante e contrasta com o panorama mais geral do mercado cultural da música na cidade. Enquanto são escassas as presenças de artistas do *mainstream* musical secular brasileiro, estrelas do universo evangélico, como Regis Danese, Aline Barros, Rodolfo Abrantes (ex-Raimundos) e o grupo Catedral já marcaram presença na cidade.

O maior clube recreativo – e um dos mais tradicionais espaços de *shows* da cidade – hoje é praticamente de uso exclusivo para festas *gospel*. São muito frequentes eventos com atrações locais como o pagode do *Vange Vamos louvar*, o *Forró Shalom*, o rock do *Mistify*, o hip hop do *Unidade de Guerrilha*, além de *Irmão Lázaro*, ex-cantor do Olodum, que hoje faz sucesso nacionalmente, com seu samba-reggae *gospel*.

Nesse cenário, uma instituição merece destaque, a *Aprisco Church*, que nasceu há quase seis anos a partir da iniciativa de jovens de classe média ligados a diferentes denominações das igrejas batistas da cidade. A *Aprisco* chama atenção já de início, pelo uso de uma expressão em inglês em seu nome, *church*, e pelo seu slogan “uma igreja ≠”. Além disso, possui grupos setoriais – denominados ministérios – como o *Aprisco Kids*, o *Aprisco Teen* e o *Aprisco Jovem*, uma pequena produtora e a *ApriscoTV*, demonstrando uma profunda conexão com o universo juvenil.

A *Aprisco Church* desempenha um papel significativo de incentivo à música, disponibilizando seu espaço para ensaios e shows, e apoiando grupos musicais na gravação de seus trabalhos e na produção de videocliques.

Culturas juvenis e música

A música parece ocupar um lugar cada vez mais significativo na vida da juventude, especialmente a partir da década de 1950. O rock, criado por e para um segmento jovem, inaugurou um processo de interação entre culturas juvenis e música, que foi se desdobrando e multiplicando exponencialmente. No Brasil, há diversos estudos sobre os universos do *punk* (CAIAFA, 1989), do *heavy metal* (JANOTTI JUNIOR, 2003), do *funk* (VIANNA, 1998), do *hip hop* (HERSCHMANN, 2000), de pagodeiros e timbaleiros (LIMA, 2003), dentre outros.

Sobretudo a partir dos anos 1970, os jovens se colocam de forma mais intensa como produtores de suas próprias culturas, assumindo os processos de gravação, difusão e gerenciamento do mercado musical. Nessa mesma época, se expandem as possibilidades de acesso aos produtos culturais, por meio das fitas K7, do barateamento dos custos dos vinis, até o advento das mídias digitais como o CD.

Nas últimas duas décadas, o fenômeno da digitalização da música em formatos compactos, transportáveis e facilmente acessados e permutados pela internet – como é o caso do formato MP3 – aproximou ainda mais o jovem do consumo musical. Soma-se a isso a multiplicação de ferramentas para a execução musical como os mp3 players, celulares, smartphones e ipods, que tem mudado significativamente a forma de consumir música (BARBOSA, VELOSO, DUBEUX, 2012), tornando-a quase onipresente nas diversas atividades cotidianas.

A facilidade de acesso ao imenso universo de material audiovisual disponível na internet e na TV, provocariam também outro fenômeno, denominado por Barbosa, Veloso e Dubeux (2012) de “onivorismo musical”. Apoiados em dados empíricos coletados em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, os autores mostram que mesmo com variações regionais, haveria uma tendência ao consumo concomitante de estilos musicais diversos, sem excessivas relações de exclusividade ou de exclusão mútua.

Nesse sentido, essa reconfiguração dos vínculos entre música e práticas culturais pode estar provocando modificações em comportamentos muitas vezes segregatórios, presentes nas chamadas “tribos urbanas”. Tal cenário de hibridização de práticas culturais tem ocorrido também em espaços antes ainda mais fortemente sectários, como os das igrejas protestantes.

As mudanças na liturgia das igrejas evangélicas têm mobilizado cada vez mais os jovens, principalmente no que diz respeito às práticas culturais utilizadas em seus

cultos. Jungblut (2007) aponta que estas novas práticas adotadas pela juventude protestante tem sido decisiva para a renovação do ser jovem evangélico.

Cenário hip hop em Feira de Santana e a questão religiosa

No campo de estudo sobre as relações entre música e culturas juvenis, o *hip hop* ocupa lugar importante (DAYRELL, 2002; WELLER, 2004). Hoje, a cultura *hip hop* ocupa um espaço semelhante ao que o *rock* ocupou dentre as culturas juvenis, sendo uma música de alcance global. Sua força expressiva ancorada no *break dance* e na música de improviso tem forte adesão entre crianças e jovens, por isso mesmo, o *hip hop* é utilizado como instrumento de mobilização, seja com foco político mais explícito seja como ferramenta de evangelização e catequese.

A gênese do *hip hop* brasileiro remete à cidade de São Paulo, do final dos anos 1970, influenciada pela efervescência da *black music* e das ressonâncias dos primeiros grupos de *hip hop* estadunidenses. Na Bahia, somente na década de 1990 é que se tornam visíveis manifestações de coletivos de *hip hop*, formando diversas “posses”, nos bairros periféricos da cidade. Na experiência baiana o *hip hop* privilegia temáticas semelhantes às divulgadas pelos blocos afros no início da década de 1980, focando os processos de exclusão social e racial tão visíveis na capital baiana. A maioria dos grupos de *hip hop* de Salvador estão vinculados a ações comunitárias, desenvolvendo projetos de arte e/ou educação.

Em Feira de Santana, é a partir da primeira metade de 2000 que começaram a se formar os primeiros grupos de *hip hop* da cidade. Inseridos em um contexto marcado pela urbanização e comercialização, os jovens feirenses assumem um “enraizamento” cosmopolita, pois vivem numa cidade com cerca de 600.000 habitantes com características semelhantes a de grandes cidades brasileiras como, por exemplo, problemas sociais de desigualdade e exclusão extremos.

No decorrer da pesquisa foram acessadas redes sociais, comunidades virtuais, *sites* de música, e também foram feitos contatos com redes informais, permitindo a identificação de alguns grupos de *rap* no cenário cultural da cidade, como: *Os Rurá* (o mais antigo deles), *Efeito Zumbi*, *Modo de Adorar*, *MC Onários*, *WSA*, *Unidade de Guerrilha*, *Dinastia*, *Exodus*, *Relatos Proféticos*, *5 Atos*; e também de *break*, como o *UrbanStyleCrew*, *Master Crew*, *Profeta da Calça Larga*.

Há algumas iniciativas de valorização do *hip hop*, como o *Coletivo Cultural* que consiste numa organização de jovens que fazem a promoção de vários festivais culturais e musicais na cidade e o *Conexão Hip Hop*, que é uma organização coordenada pela *Aprisco Church*, com o objetivo de congregar jovens do *hip hop gospel*. Portanto, a igreja dá apoio financeiro e de divulgação para os grupos organizados, promove festivais e palestras discutido os problemas sociais, como drogas, prostituição, violência.

A experiência do Unidade de Guerrilha

O *Unidade de Guerrilha* é um grupos apoiados pela *Aprisco*. Surgido em 2004, o coletivo tem uma proposta do grupo de retratar os problemas que fazem parte da rotina do jovem que vive na periferia, como a violência e o tráfico de drogas, aliadas a letras que falam também de esperança e que mostram a construção de outros caminhos possíveis por meio da fé.

A formação do grupo se deu quando um de seus atuais membros, Leandro, decidiu criar um grupo de dança de rua ligado a uma igreja evangélica, mas que também já começa a fazer algumas rimas de rap. Algum tempo depois, o grupo se dissolveu:

O pessoal começou a se envolver com coisas erradas e foi um pra um lado, um pro outro e aí eu ficou eu e Papaco. [...] A gente decidiu começar a cantar mesmo, eu tinha um pedacinho de uma letra, meu amigo tinha outro. Aí a gente começou baixar base na internet (Leandro).

Logo após essa experiência musical, Leandro conhece Ricardo B-boy – hoje conhecido MC Jr – que na época era apenas dançarino. Ao entrar no grupo começou a compor junto com Leandro as músicas do Unidade de Guerrilha.

As temáticas de crítica social, tão caras ao rap, estão presentes em todas as letras do grupo, mas sempre remetem à questão espiritual como caminho para o enfrentamento, como mostra a letra da música *Direção em Feira e As feridas do meu passado*, ambas de autoria de Leandro e Ricardo.

MC Jr, morador do Vietnã
Favela conhecida por qualquer ladrão
Favela de quebrada de ruas e esquinas
Onde cada ponto se esconde um muleque
Que irá crescer e ser o futuro da nação
Ou ser um pivete e virar um ladrão
Aquele misere de oitão na cintura
Que enquadra qualquer um que passar pela rua

Os manos saem de casa
Não sabem se vão voltar
Ficam roubando, matando, cheirando,
Querendo se matar
E é eu que sou louco
Por ter me convertido?
Tá amarrado no nome de Jesus Cristo
Jeová Nissí queima todo mau olhado
Que todos meus parceiros
Continuam do meu lado

O rap gospel ofereceria bases espirituais para o esclarecimento e o enfrentamento de problemas que afetam principalmente os jovens negros de periferia, como o racismo, o medo da morte e o consumo de drogas, mas que se daria sempre por meio de uma decisão pessoal, como sinaliza outra letra da dupla de *rappers*, intitulada *Loucos da Bahia*:

A salvação é individual, abra a mente pra pensar
O meu chamado é pra rima,
Se quiser é só chegar
Não seja você mais um "Zé mané"
Que entra na igreja, que sai da igreja
Gastando a sola do pé

Para o *Unidade de Guerrilha*, o rap tem o propósito não apenas de dar suporte espiritual, mas também de buscar melhorias materiais para a vida nas comunidades, como fazem muitos dos coletivos de hip hop:

A gente tá tudo lutando por um propósito só, que é o de mudança. A gente tem que protestar mesmo, sendo lá em São Paulo, no Rio ou aqui em Feira de Santana, o propósito é o mesmo, de melhorias, de procurar algo melhor pra sociedade, pra periferia, que passa por muita discriminação (Leandro).

A participação em projetos de assistência social também faz parte da dinâmica do grupo que acaba se envolvendo através da igreja em ações comunitárias. A *Aprisco* funciona como um suporte financiador não só dos eventos culturais de rap, mas também no auxílio para a efetivação dos projetos voltados a comunidades carentes. Leandro diz:

O projeto social que a gente participa é interligado com a *Aprisco*, que tem o papel de pegar doações de quem tem muito pra dar pra quem não tem nada. Então a gente tá aí junto nesse papel de ajudar as pessoas.

Leandro encara o grupo como um “projeto de evangelismo e de resgate de almas”, mas que também a função de contestação e reflexão das ações humanas perante

o mundo. Para ele os princípios morais estão diretamente ligados às escolhas que as pessoas fazem na vida, por isso não fazem simplesmente, *rap*, mas sim um *rap gospel*.

Ele conta que participa de diversos eventos à convite da igreja sobre as experiências com o grupo em eventos organizados pela igreja *Aprisco*:

O pastor chama a gente cantar em cima do carro [de som], faz aquela zuada, e quando o pessoal chega, tome-lhe palavra!

Isso parece apontar o quanto às culturas juvenis tem um papel importantíssimo nas novas formas de proselitismo religioso (JUNGBLUT, 2007) e a postura do grupo tem um caráter híbrido entre a crítica social e a oferta do conforto, por meio da fé, mostrando mais uma vez o movimento de trânsito de limites, entre o sagrado e o profano, o respeito à autoridade e a transgressão.

Haveria também a busca por borrar algumas fronteiras na relação com outros grupos não evangélicos, muitas vezes através do auxílio mútuo entres os grupos de *rap* para a organização de eventos e projetos, mas segundo Leandro, nem todos os grupos religiosos são tão abertos quanto o *Unidade de Guerrilha*:

a gente é um grupo gospel, muitas igrejas chamam a gente também, mas, quando o grupo não é gospel, ele não pode cantar na igreja... Só que é uma cultura só, o hip hop. Ai tem que tá todo mundo unido. Por isso que a gente tentou organizar um movimento [...] pra juntar todo mundo, sendo crente, sendo espírita, sendo sei lá o quê (Leandro)

No entanto, o discurso de integração e respeito a outros grupos parece ter limite, quando toca em outras religiões não cristãs ou em estilos musicais diferentes do rock, do reggae ou do hip hop, como mostra a letra de *Desabafo*:

Acreditam em orixá
Até em iemanjá
Vê se pode?
Tem até rainha do mar
O povo carece
Por falta de conhecimento,
ingenuidade ou apenas sofrimento
[...]
Tá aquele horror de música
Chega subiu o fedô
Chega de hipocrisia
De arrocha e pagodão
Não é pra discriminar
Só alertando os irmão
Que homem que é homem
Não rala a tcheca no chão

Prandi (2008, p.159) defende a tese que o jovem evangélico não participaria plenamente do que ele chama de uma cultura juvenil global – na qual sexo e drogas são fortes elementos de identificação – “[...] por causa dos limites estéticos e comportamentais impostos por sua religião, de um grupo maior do que aquele limitado pela sua própria igreja. Ele está fora de uma cultura mundial de jovens, mesmo usando jeans, calçando tênis e comendo *Big Mac*”. Na realidade, parece provável que os jovens evangélicos do hip hop operem um processo de seletividade, que nem sempre é fácil e legitimado por outros grupos jovens, semelhante ao que observa Jungblunt (2007, p.153), ao analisar o universo do *heavy metal* cristão:

a questão toda para os roqueiros evangélicos passa, no entanto, pela defesa de um argumento muito difícil de ser aceito por interlocutores não-evangélicos: o de que o repertório de símbolos, padrões estéticos e comportamentais próprios do universo cultural *underground*, associado a certas modalidades de *rock*, possa ser legitimamente apropriado (ou expropriado) para outra finalidade moral distinta daquela que o anima na mundanidade.

Tensões também estão presentes no interior das diferentes instituições religiosas, em especial, naquelas mais tradicionais. Ao mesmo tempo, que reconhecem a importância que as iniciativas juvenis tem tido para a expansão de suas igrejas, líderes religiosos muitas vezes tem dificuldades de compreender o significado de alguns desses novos códigos e de mensurar os riscos que tal renovação poderá provocar nos pilares dogmáticos de suas instituições.

Considerações finais

O amplo campo religioso protestante nunca foi homogêneo, por não possuir um núcleo decisório tão forte quanto o da igreja católica. No entanto, hoje, talvez, ele encontre a sua maior diversidade de configurações, bastante sintonizado com o espírito de nossa época, marcada pela hibridização de culturas (CANCLINI, 1998), por meio de processos de sincretismo, desterritorialização e reflexibilidade.

Os resultados da pesquisa mostram que os jovens evangélicos tem se mostrado capazes de expandir alguns princípios e códigos que marcaram historicamente as condutas das igrejas cristãs. Enquanto as instituições protestantes missionárias (metodistas) e de imigração (luteranas) se mantêm mais firmes em seus sistemas de crenças, as denominações neopentecostais e independentes vão abrindo novos campos e conquistando fiéis. Nestas últimas igrejas, o diálogo com o mundo laico se expande, diluindo algumas fronteiras, reconfigurando outras e produzindo formas culturais, em especial por meio da arte e do uso da mídia.

A música como um dos elementos centrais de organização das culturas juvenis tem sido decisiva nos processos de mudança nas formas de expressão de jovens evangélicos.

Em uma cidade com reduzidas ofertas culturais e altos índices de violência, as igrejas ofereceriam espaços seguros para a criação e a fruição cultural, por meio de iniciativas de criação de ministérios e grupos musicais, de organização de shows e festivais, que vão constituindo circuitos de produção e de consumo culturais de ampla visibilidade (MAGNANI, 2005).

O grupo *Unidade de Guerrilha* oferece elementos significativos para se analisar a complexidade das relações entre religião e cultura, como um par que se alimenta reciprocamente. A inovação e a tradição, o respeito à diferença e o proselitismo, a crítica social e a ênfase nas soluções individuais coexistem, permitindo a expansão de códigos exteriores de conduta, mas definindo ainda fronteiras claras entre ser um cristão evangélico e ser mundano, como parece sintetizar a canção, “Crente é crente”, de *Salomão do Reggae*:

Crente é crente não importa o que cante
Não importa o que dance
Não importa o que veste
O que importa é conduta
O que crente beleza maluco também
Crente é crente, mesmo diferente é tudo parente
Por fora é estilo, é tudo aparente
Mas crente que é crente se sente igual.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs). **Retratos da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa social. São Paulo: Editora, Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-262.

AIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade**: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

BARBOSA, Livia; VELOSO, Letícia; DUBEUX, Veranise. Música e Juventude: a trilha sonora do cotidiano jovem brasileiro. In: BARBOSA, Livia (org.). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

IRIART, Mirela F. S.; LARANJEIRA, Denise H. P.; FARIA, Ivan. **Relatório final do Projeto Juventude, Escolarização e Inserção Social**: um estudo em dois contextos da rede pública de ensino no município de Feira de Santana. Feira de Santana, 2011.

JANOTTI JUNIOR, J. S. . Heavy metal com dendê: afeto, corpo e mídia na apropriação de um gênero musical. In: Lyra, Maria Bernadette Cunha; Santana, Gelson. (Org.). **Corpo & Mídia**. 1 ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p. 125-144.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A salvação pelo Rock: sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil. **Religião e sociedade**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 ago. 2011.

LIMA, Ari. Funkeiros, timbaleiros e pagodeiros: notas sobre juventude e música negra na cidade de Salvador. **Cadernos Cedes**. Campinas, v.22, n.57, p.77-96, ago 2002.

MAGNANI, José Guilherme C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. Relação de Mercado e Trabalho Social no Hip hop. **Caderno do CEAS**. n. 223, p. 47-58, jul/set 2006.

NERI, Marcelo Cortes; MELO, Luisa Carvalhaes Coutinho de. Novo Mapa das Religiões. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 637-673, out./dez. 2011.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Izabel; EUGENIO, Fernanda (Orgs). **Culturas Jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006. p.105-120.

PIERUCCI, Antônio Flávio. . De olho na modernidade religiosa. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, v. 20, n.2, p. 9-17, 2008.

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas, **Tempo Social**. Revista de sociologia da USP, v. 20, n. 2, p. 155-172, 2008.

VICENTE, E. . Música e Fé: a cena religiosa no mercado fonográfico brasileiro. **Latin American Music Review**, v. 29, p. 29-42, 2008.

WELLER, Wivian. O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. **Cadernos CRH**, Salvador, v.17, n. 40, p. 103-115, 2004.